

CARLOS EDUARDO LANGOVSKI

**A DIFERENÇA DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE ENTRE
TENISTAS RECREATIVOS E COMPETITIVOS DE ALTO
RENDIMENTO**

**Monografia apresentada à disciplina de
Seminário de Monografia como
requisito parcial à conclusão do Curso
de Licenciatura em Educação Física, do
Departamento de Educação Física, Setor
de Ciências Biológicas, Universidade
Federal do Paraná.**

Professor Orientador: Ricardo W. Coelho, PHD.

Meus sinceros agradecimentos aos treinadores que cederam um pouco do seu tempo para a realização dos testes, e principalmente a todas as pessoas que tiveram paciência e boa vontade para responder os questionários.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	v
RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 DELIMITAÇÕES.....	2
1.2.1 Local.....	2
1.2.2 Universo.....	2
1.2.3 Amostra.....	2
1.2.4 Variáveis.....	2
1.2.5 Época.....	3
1.3 JUSTIFICATIVA.....	3
1.4 OBJETIVOS.....	3
1.5 HIPÓTESES.....	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 O ESTUDO DA PERSONALIDADE.....	5
2.2 ENFOQUES TEÓRICOS DA PERSONALIDADE.....	6
2.2.1 Enfoque Psicodinâmico.....	6
2.2.2 Enfoque na Aprendizagem.....	9
2.2.3 Enfoque nos Traços de Personalidade.....	11
2.3 A PERSONALIDADE NO ESPORTE.....	16
3 METODOLOGIA	18
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	18
3.2 INSTRUMENTO.....	18
3.3 PROCEDIMENTOS.....	18
3.3.1 Para com os Tenistas Infanto-Juvenis.....	18
3.3.2 Para com os Tenistas Recreativos.....	19

4 RESULTADOS/ DISCUSSÃO.....	20
5 CONCLUSÕES.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
ANEXO.....	25

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – CONCEPÇÃO HIERÁRQUICA DA PERSONALIDADE	15
FIGURA 2 – RELAÇÃO ENTRE A TEORIA DOS QUATRO TEMPERAMENTOS E AS MODERNAS TEORIAS DIMENSIONAIS DA PERSONALIDADE.....	16
TABELA 1 – RESULTADOS DAS ANÁLISES DE VARIÂNCIA DO S.E.R.P. COM NÍVEIS DA VARIÁVEL INDEPENDENTE COMPETIÇÃO RECREATIVA X COMPETIÇÃO ALTO RENDIMENTO.....	21

RESUMO

Este estudo foi realizado com o objetivo de identificar diferenças de personalidade entre tenistas recreativos e tenistas que treinam com a intenção de atingir uma alta performance competitiva. Através do teste S.E.R.P. (The Sports Emotional-Reaction Profile), que conta com um questionário com quarenta e duas perguntas, foram coletados dados sobre aspectos psicológicos de 32 tenistas, sendo 20 tenistas amadores que competem recreativamente, e 12 tenistas infanto-juvenis que participam de um programa de treinamento objetivando uma alta performance. Os aspectos analisados foram: desejo, determinação, sensibilidade, controle emocional, confiança, auto-disciplina e valorização pessoal. Os dados coletados foram analisados estatisticamente, e foi constatada diferença significativa entre os grupos testados apenas na variável desejo, que teve valores mais elevados para os tenistas que visam o alto rendimento. A diferença nessa variável demonstra que a maior cobrança de performance é um fator motivador para o atleta. E a falta de diferença nas outras variáveis significa que a percepção desses sujeitos perante uma competição independe da importância externa dessa competição, mas sim da importância individual (interna).

1. INTRODUÇÃO

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O tênis é um esporte que, nos últimos anos, vem ganhando popularidade no Brasil, graças à ascensão de Gustavo Kuerten ao topo do ranking da ATP, e aos importantes títulos por ele conquistados. Mas esse sucesso repentino trouxe à tona muitos problemas que as pessoas envolvidas com esse esporte terão que superar para que esse sucesso continue. Um dos principais é baixa qualificação dos professores de tênis, e conseqüente falta de estudos sobre esse esporte no Brasil.

Uma grande parte dos professores limita-se a ensinar gestos técnicos isolados durante as aulas, sem se preocupar muito em como eles acontecem durante uma situação de grande pressão como num jogo de torneio. É muito comum ver jogadores que durante os treinos demonstram um bom domínio técnico em exercícios isolados, mas em situação de jogo não conseguem obter o desempenho esperado.

“A queixa mais comum dos esportistas é: Não que eu não saiba o que fazer, é que eu não faço aquilo que sei!” (GALLWEY, 1996,p. 17)

Várias vezes nos surpreendemos quando vemos atletas tecnicamente inferiores ganhando de atletas tecnicamente superiores. Isso nos faz pensar que não adianta elaborar um treinamento com o objetivo de tornar os nossos atletas tecnicamente e fisicamente excelentes, se não compreendemos e não respeitamos os aspectos mentais, que são diferentes em cada indivíduo. Um desses aspectos é a personalidade. Assim, quando trabalhamos com grupos diferenciados de esportistas, é necessário que conheçamos as suas peculiaridades. Será que existem diferenças de personalidade entre tenistas juvenis que treinam metodicamente para competição e tenistas recreativos?

1.2 DELIMITAÇÕES

1.2.1 Local

A pesquisa foi realizada na cidade de Curitiba, nas seguintes instituições: Academia Fiuza Tennis, Academia de Tênis Figueiredo, Academia Team Daniel Contet, e Paraná Clube.

1.2.2 Universo

Atletas de tênis infanto-juvenis das categorias até 14 anos, até 16 anos e até 18 anos que treinam metodicamente para competições. E atletas de tênis recreativos com mais de quatorze anos.

1.2.3 Amostra

Para a pesquisa foram testados 32 tenistas de ambos os sexos, sendo 20 tenistas recreativos, e 12 tenistas infanto-juvenis que treinam metodicamente para competições.

1.2.4 Variáveis

Variáveis dependentes: características psicológicas (desejo, determinação, sensibilidade, controle emocional, confiança, valorização pessoal e auto-disciplina).

Variáveis independentes: tenistas que usam o tênis como atividade recreativa e tenistas infanto-juvenis que treinam visando um alto rendimento.

Variável controlada: Atletas infanto-juvenis entre 13 e 18 anos que competem regularmente, e tenistas recreativos com idade acima de 14 anos que participam de torneios esporádicos.

1.2.5 Época

A pesquisa foi realizada no período de outubro a dezembro de 2002.

1.3 JUSTIFICATIVA

Os praticantes costumam dizer que o tênis é um esporte mental, que ganha aquele que tem “cabeça”, ou seja, aquele que consegue ser inteligente numa situação de jogo. Muito se fala sobre a importância do treinamento mental, em trabalhar a confiança do atleta, em ter uma boa atitude durante uma partida, mas pouco fundamento científico se tem sobre os aspectos psicológicos no esporte.

Em um esporte como o tênis, em que o lado emocional muitas vezes se sobrepõe à parte física e técnica, é de fundamental importância que se entenda mais profundamente essa parte psicológica que é tão explorada pelo senso comum.

1.4 OBJETIVO

Identificar se existem características nos aspectos psicológicos envolvidos no esporte, que diferenciem tenistas recreativos de tenistas que participam de um treinamento visando uma alta performance.

1.5 HIPÓTESE

Os atletas recreativos e os atletas que treinam metodicamente para competição terão perfis de personalidade característicos que os diferenciam.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O ESTUDO DA PERSONALIDADE

O estudo da personalidade acompanha o desenvolvimento da psicologia, na tentativa de explicar e prognosticar o comportamento, além de tentar entender os processos de aprendizagem e desenvolvimento humanos. Para CATTELL (1971, p.15), estudar a personalidade, para pessoas com espírito científico é o supremo desafio da ciência, já para outros a tentativa de medir e prever a personalidade humana é um sacrilégio e uma ameaça.

As primeiras teorias sobre a personalidade foram formuladas baseando-se apenas em observações do comportamento, sem o uso de pesquisas quantitativas para uma comprovação das teorias. O mais famoso autor dessa fase dos estudos sobre a personalidade é Sigmund Freud que desenvolveu sua teoria da psicanálise. A teoria de Freud é muito criticada por pessoas que consideram que uma teoria só é válida cientificamente se for baseada em testes para a sua verificação.

“Não há teoria mais conhecida que a de que há uma vida após a morte, mas não é uma teoria científica, porque não pode ser verificada”. (MARX, apud SMITH, 1981, p.54)

No entanto Freud tinha uma visão diferente sobre a cientificidade da sua teoria, mesmo reconhecendo suas limitações.

“O início real da atividade científica consiste em descrever os fenômenos e posteriormente agrupa-los, classifica-los correlacioná-los. Mesmo no estágio da descrição não é possível evitar aplicar-se certas idéias abstratas ao material em mãos... Eles (conceitos) devem possuir alguma medida de incerteza inicial; não deve haver dúvida quanto a qualquer limitação clara de seu conteúdo... Somente após pesquisarmos mais a fundo o campo em questão seremos capazes de formular, com clareza crescente, os conceitos científicos subjacentes a ela e progressivamente modificar tais conceitos para que se tornem amplamente aplicáveis e ao mesmo tempo logicamente consistentes.” (FREUD, apud SMITH, 1981, p.60)

Analisar a personalidade baseando-se em testes é um grande desafio para os pesquisadores do comportamento. Para HALL, LINDZEY e CAMPBELL (2000, p.29), um grande número de teóricos da personalidade encontrou satisfação na intuição e nos “insights”, escapando das armadilhas da ciência, enquanto os psicólogos experimentais preferiram o rigor e a precisão da investigação delimitada, em oposição ao uso desenfreado do julgamento clínico e da interpretação imaginativa.

“A fase quantitativa e experimental, que só começou (pelo menos no que diz respeito à personalidade, se não a outros aspectos da psicologia) pouco antes da entrada do século XX e apenas na última década está principiando a dar frutos.” (CATTELL, 1975, p. 16)

Por ser muito difícil de compreender todos os aspectos que formam a personalidade humana, surgiram várias teorias e algumas definições diferentes a respeito da personalidade, mas talvez uma definição possa se encaixar em qualquer teoria:

“Personalidade é a soma de características que tornam uma pessoa única”. (WEINBERG; GOULD, 1995, p. 26)

2.2 ENFOQUES TEÓRICOS DA PERSONALIDADE

As diversas teorias da personalidade são classificadas em algumas categorias de acordo com seu enfoque:

2.2.1 Enfoque Psicodinâmico

As teorias com o enfoque psicodinâmico, são derivadas basicamente das teorias de Freud de que o inconsciente exerce uma grande influência sobre o comportamento das pessoas.

FREUD (1977, p.25), coloca que a premissa fundamental da psicanálise, é a divisão do que é consciente e o que é inconsciente.

Para FREUD (1977, p.27), um elemento psíquico como uma idéia, por exemplo, não é, via de regra, consciente por um período de tempo prolongado. Pelo contrário, um estado de consciência tem por característica a transitoriedade; uma idéia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora possa tornar-se novamente consciente.

Para FREUD (1977, p.28), a personalidade é composta por três partes. O *id*, que seria responsável pelos aspectos inatos, hereditários e ações instintivas. O *ego*, que é a organização coerente de processos mentais que existe em cada indivíduo. A consciência está ligada ao *ego*, que controla as abordagens à motilidade, isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. E o *superego*, que seria uma gradação do *ego*, que torna mais fácil abandonar os impulsos instintivos (principalmente sexuais e agressivos) do *id*, ou seja, o *superego* seria a consciência moral e social do indivíduo.

Ainda FREUD (1977, p. 39), diz que o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id esforçando-se assim para substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto, ou seja, o ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, contrastando com o id, que contém as paixões.

“Embora cada uma dessas partes da personalidade total tenha suas próprias funções, propriedades, componentes, princípios de operação, dinamismos e mecanismos, elas interagem tão estreitamente que é difícil, senão impossível desemaranhar seus efeitos e pesar sua relativa contribuição ao comportamento humano.” (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000, p.53)

Outros teóricos importantes com o enfoque na psicodinâmica como, Carl Jung e Erik Erikson, construíram suas teorias em cima das idéias de Freud.

Para HALL, LINDZEY e CAMPBELL, (2000, p.165), nenhuma outra pessoa depois da morte de Sigmund Freud, trabalhou tão conscienciosamente para elaborar e ampliar a estrutura da psicanálise reformulando seus princípios para um entendimento do mundo moderno como Erik Erikson.

Ainda para HALL, LINDZEY e CAMPBELL, (2000, p.166), uma das importantes contribuições de Erikson é uma concepção ampliada do ego.

ERIKSON (1976, p.221), junto com o id e o superego, dá importância ao meio ambiente na relação com o ego. Os membros de uma espécie fazem sempre parte de um meio ambiente recíproco. Assim, aceitando o fato de que o meio humano é social, o mundo exterior do ego é formado por egos de outros que para ele são significativos.

Para ERIKSON (1976, p.221), a comunicação ao nível do ego é uma das coisas mais complexas da vida humana, e cada ego testa todas as informações recebidas sensorial e sensualmente, lingüística e subliminarmente, para a confirmação ou negação de sua identidade. Então o esforço persistente de ordenação conjunta desses processos num território psicossocial de mutualidades confiantes e recíprocas negações definidas é o que pode ser chamado de um “ego grupal”.

Portanto para ERIKSON (1976, p.223), a existência de um ego individual sem um meio especificamente humano (organização social) é absurda. E tal suposição ameaçaria isolar a teoria psicanalítica das ricas concepções ecológicas da biologia moderna.

Outro teórico importante que enfocou a psicodinâmica foi Carl Jung, que esteve por algum tempo muito ligado a Freud, quando trocaram várias correspondências, mas por divergências de opiniões sobre suas teorias acabaram rompendo o relacionamento. Para HALL, LINDZEY e CAMPBELL, (2000, p.85), embora as causas da ruptura do relacionamento sejam complexas, envolvendo incompatibilidades pessoais e intelectuais, talvez a mais importante razão foi a divergência sobre os problemas relacionados à sexualidade em suas teorias.

Um dos aspectos dos estudos de Jung sobre a personalidade que merece destaque, e que segundo HALL, LINDZEY e CAMPBELL, (2000, p.108) gerou muitos estudos científicos, foi a elaboração dos tipos psicológicos.

JUNG (1969, p.382), considerou a introversão e a extroversão como os tipos

gerais, que distinguem-se pela direção dada a seus interesses e ao movimento da libido¹; e classificou como tipos funcionais, que são características dentro dos tipos gerais.

Para JUNG (1969, p.386), a diferença entre os tipos introvertidos e extrovertidos é o comportamento frente ao objeto. O introvertido comporta-se de maneira adequada à abstração². Ele observa, sem dúvida, as condições exteriores, mas elege como decisivas as determinações de caráter subjetivo. No fundo, está sempre disposto a privar o objeto de libido, como se tivesse que impedir a preponderância do objeto. O extrovertido, pelo contrário, comporta-se positivamente frente ao objeto. As mais freqüentes decisões e ações estão condicionadas por circunstâncias objetivas. No fundo, o objeto nunca tem para ele valor suficiente e por isso tem de acentuar-se a sua significação.

Segundo WEINBERG e GOULD (1995, p.28), a fraqueza dos estudos baseados na psicodinâmica é que focam quase que inteiramente os determinantes internos do comportamento, dando pouca atenção para o ambiente social. Por essa razão muitos especialistas em psicologia do esporte não os adotam.

“Embora o enfoque psicodinâmico tenha causado o maior impacto no campo da psicologia, principalmente no enfoque clínico da psicologia, teve um pequeno impacto na psicologia do esporte” (WEINBERG; GOULD, 1995, p.27).

2.2.2 Enfoque na Aprendizagem

As teorias com esse enfoque caracterizam-se por enfatizar o papel central desempenhado pela aprendizagem na aquisição das tendências características de

¹Libido: é a energia psíquica. Energia psíquica é a intensidade do processo psíquico. (JUNG, p. 532)

²Abstração: é uma extração ou separação de um conteúdo de um contexto. O pensamento que abstrai separa daquilo que não lhe convém o conteúdo caracterizado por qualidades lógicas e de reflexão. (JUNG, p. 473)

comportamento que constituem os componentes estruturais e dinâmicos em outras teorias da personalidade (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000, p.387). Portanto, as teorias da personalidade com enfoque na aprendizagem fundamentam-se na idéia de que o ambiente é o principal influenciador do comportamento, ou seja, os fatores externos à pessoa modelam o seu comportamento.

SKINNER (1982, p.38), explica o processo de aprendizagem e conseqüente comportamento, através do “condicionamento operante”. Os comportamentos que têm a finalidade de sobrevivência do indivíduo ou da espécie, têm maior probabilidade de ocorrer. Diz-se que o comportamento é fortalecido por suas conseqüências e por tal razão as próprias conseqüências são chamadas de “reforços”. O comportamento que reduz uma situação potencialmente prejudicial, como temperatura extremada, é reforçado por essa conseqüência e, portanto, tende a ocorrer novamente em situações parecidas.

Um outro teórico que se destaca dentro dessas teorias é Albert Bandura, que desenvolveu a teoria da aprendizagem social. Bandura tem uma visão diferente de Skinner a respeito dos processos da aprendizagem.

Albert Bandura acreditava que os princípios da aprendizagem poderiam explicar e prever o comportamento e suas mudanças, entretanto discordava de abordagens de aprendizagem cujos princípios vinham de estudos de organismos simples e um ambiente impessoal, ou que retratam o comportamento humano como sendo passivamente controlado pelo ambiente (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000, p.460).

BANDURA (1970, p. 69), diz que um dos modos fundamentais pelos quais novos padrões de comportamento são adquiridos e padrões existentes são modificados envolve modelação e processos vicários (processos de aprendizagem através da observação do comportamento de outras pessoas e de suas conseqüências). Assim, respostas emocionais podem ser condicionadas por observação das reações afetivas de outras pessoas enquanto passam por situações dolorosas ou agradáveis.

Para BANDURA (1970, p. 74), a aprendizagem por observação envolve a codificação simbólica e a organização central de estímulos modeladores, sua representação na memória, sob forma verbal ou imaginada, e subsequente transformação de formas simbólicas em formas motoras equivalentes.

BANDURA (1970, p.74), critica outras teorias da aprendizagem como a de Skinner, que consideravam apenas a aprendizagem através da experiência pessoal, ignorando a aprendizagem pela observação.

Como em teorias com outros enfoques, as teorias da aprendizagem não podem realmente prever o comportamento, pois uma situação que pode influenciar uma pessoa, pode não ter efeito para outra pessoa (WEINBERG; GOULD; 1995, p.29)

2.2.3 Enfoque nos Traços de Personalidade

As teorias que enfatizam os traços de personalidade dizem que a personalidade de uma pessoa é relativamente estável, e dividida em diversos traços que combinados seriam os principais influenciadores do comportamento. Essas teorias tiveram início com as primeiras tentativas de estudar e prever cientificamente o comportamento, e portanto, são as teorias que se preocupam mais com a realização de testes para a análise da personalidade e para a comprovação das teorias. E embora muitos estudos sobre a personalidade nos esportes sejam baseados nos “traços”, eles recebem muitas críticas por não levar em consideração algumas situações e condições sociais que influenciam o comportamento.

“Aqui cabe um alerta. O foco na estrutura da personalidade adotado por essas teorias levou alguns observadores a concluir que elas ignoram a situação como determinante do comportamento. Esse não é o caso. Todos esses teóricos, cada um à sua maneira, adotam uma abordagem interacionista: o comportamento é visto como uma função conjunta das características da pessoa e dos aspectos situacionais.” (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000, p.187)

Dessa forma CATTELL (1971, p.41), definiu a personalidade como aquilo que fará um homem quando colocado em dada situação. Esta afirmação pode ser assim formulada: $R=f(S,P)$, em que R, a natureza da resposta da pessoa,... isto é, o que ela diz, pensa ou faz, é alguma função de S, a situação estímulo em que ela é colocada e P, a natureza de sua personalidade. ALLPORT (1969, p.430), outro importante teórico que enfatizou o estudo dos traços definiu a personalidade como a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos³ que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos.

ALLPORT (1969, p.431), definiu traço como sendo “uma estrutura neuropsíquica que tem a capacidade de fazer com que muitos estímulos se tornem funcionalmente equivalentes, e de iniciar e orientar formas equivalentes (com sentido coerente) de comportamento adaptativo e expressivo”.

Ainda ALLPORT (1969, p.439), classificou os traços em dois tipos. Os traços comuns, que é uma categoria para classificar formas de comportamento funcionalmente equivalentes em uma população geral. Embora influenciados por considerações nominais e artificiais, um traço comum reflete, até certo ponto, disposições verídicas e comparáveis em muitas personalidades que, dadas uma natureza humana comum e uma cultura comum, desenvolvem, embora em graus diferentes, modos semelhantes de ajustamento aos seus ambientes. São traços que podem ser medidos numa escala dimensional comum, juntamente com várias pessoas, e um bom argumento para a existência de traços comuns é que as pessoas normais em determinada área cultural, tendem a desenvolver modos de ajustamento que são grosseiramente comparáveis. O outro tipo para ALLPORT (1969, p.443), são os traços

³ Para ALLPORT, psicofísico é o termo que lembra que a personalidade não é exclusivamente mental, nem exclusivamente neural (física). Sua organização supõe o funcionamento, em unidade inseparável, de “mente” e “corpo.”

diferentes, modos semelhantes de ajustamento aos seus ambientes. São traços que podem ser medidos numa escala dimensional comum, juntamente com várias pessoas, e um bom argumento para a existência de traços comuns é que as pessoas normais em determinada área cultural, tendem a desenvolver modos de ajustamento que são grosseiramente comparáveis. O outro tipo para ALLPORT (1969, p.443), são os traços individuais ou disposições pessoais, que não podem ser avaliados numa escala para a população. Alguns destes derivam da ficção ou de indivíduos históricos, como narcisista, sadista, etc... Essas classificações derivam de características notáveis específicas de uma pessoa, e são utilizadas ocasionalmente (não freqüentemente) para outras pessoas. Portanto nestes casos não estamos tratando de um traço comum.

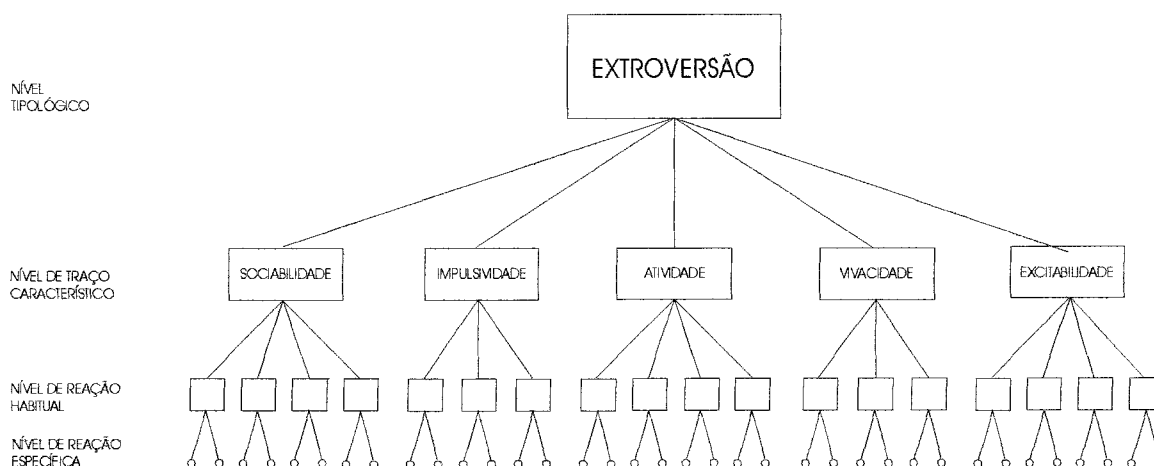
Raymond Cattell teve um importante papel no estudo dos traços. Até então os psicólogos tinham uma enorme dificuldade em definir quais eram realmente os traços de personalidade. Devido a diferenças de opinião nas afirmações clínicas, se tornou evidente que a psicologia científica não poderia simplesmente utilizar os conceitos de traços que vinham sendo empregados na nomenclatura popular, literária ou clínica. (CATTELL; 1971, p. 60). Para classificar de maneira científica os traços de personalidade, e conhecer a importância de cada um no comportamento humano, Cattell utilizou a técnica da análise fatorial. O resultado da análise fatorial não só isola os fatores fundamentais como também oferece para cada medida ou conjunto de escores uma estimativa da extensão em que cada um dos fatores contribui para essa medida (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000, p.187). Para ALLPORT (1969, p.440), a análise fatorial é importante porque reflete a “lei da parcimônia”, que adverte que a ciência deve evitar a multiplicação desnecessária de conceitos.

CATTELL (1971, p.62), classifica como traços básicos, aqueles resultantes dos cálculos estatísticos da análise fatorial como dimensão unitária ou fator. Entretanto, nem todos os comportamentos que possuem correlação entre si podem ser identificados como um traço básico, pois há coisas que variam juntas por forças de diversas influências. É o que Cattell classifica como traço de superfície.

Outro psicólogo importante que utilizou os traços de personalidade foi Hans J. Eysenck, que estudou a diferença dos padrões de comportamento de pessoas introvertidas e extrovertidas, e estáveis e instáveis.

EYSENCK (1976, p.177), usou o termo “personalidade” para denominar padrões semipermanentes de comportamento, característicos de indivíduos que têm relevância e importância sociais, além de ter montado um esquema hierárquico para a personalidade, em que os conceitos- “tipos” , como os de extroversão, estão baseados em correlações observadas entre características, como sociabilidade, impulsividade, vivacidade, etc... Essa hierarquia é demonstrada na figura 1.

FIGURA 1 – CONCEPÇÃO HIERÁRQUICA DA PERSONALIDADE

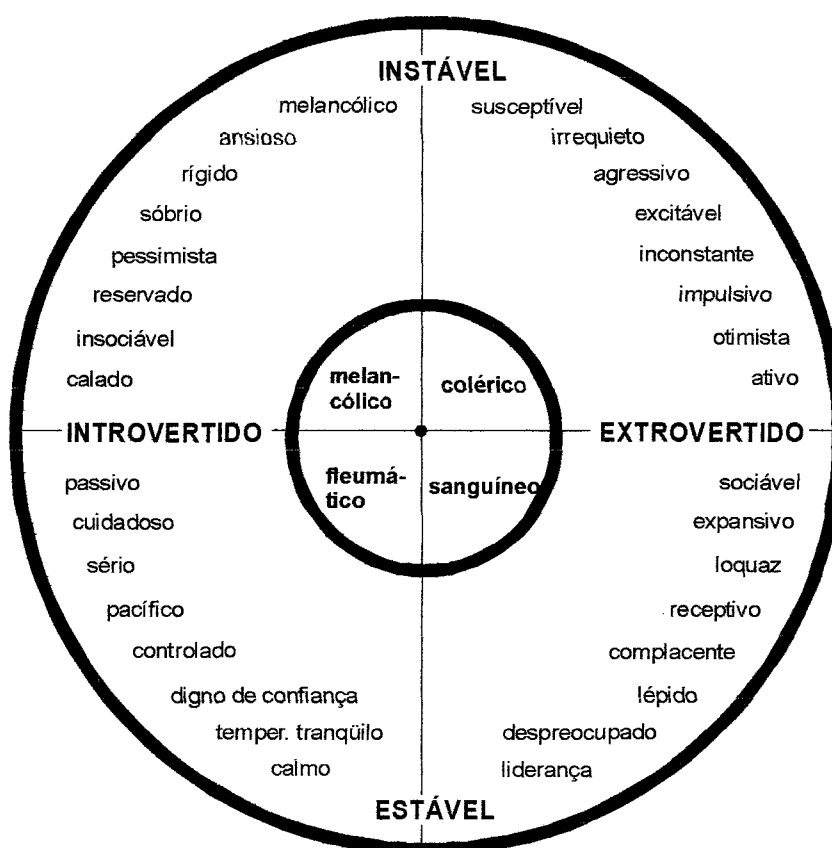


FONTE: EYSENCK, H. J. **A Desigualdade do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p. 179.

Ainda EYSENCK (1976, p. 180), diz que muitos estudos sobre a personalidade surgiram com a apresentação de dois “tipos” capitais ou duas dimensões da personalidade, como a oposição entre personalidades introvertidas e extrovertidas; e pessoas com emoções instáveis e estáveis. A figura 2 mostra como essas dimensões se

acham relacionadas aos quatro “humores” gregos. Os melancólicos e fleumáticos são introvertidos; os coléricos e sanguíneos são extrovertidos, assim como os melancólicos e coléricos são emocionalmente instáveis e os fleumáticos e sanguíneos são estáveis.

FIGURA 2 – Relação Entre a Teoria dos Quatro Temperamentos e as Modernas Teorias Dimensionais da Personalidade.



FONTE: EYSENCK, H. J. *A Desigualdade do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p. 181.

EYSENCK (1976) coloca que os nomes dentro do círculo indicam padrões de comportamento específico de introvertidos e extrovertidos, pessoas estáveis e

instáveis. Sempre se deve lembrar que a maioria das pessoas encontra-se em posições intermediárias entre os extremos, e que pessoas situadas nos extremos de qualquer direção são mais raramente encontradas.

2.3 A PERSONALIDADE NO ESPORTE

Nos esportes em geral, é muito comum ouvirmos comentários a respeito da personalidade relacionados às atitudes que os atletas tomam durante as competições, treinamentos, no convívio com os treinadores, companheiros de equipe, torcedores e jornalistas. Atletas infanto-juvenis que treinam com o objetivo de atingir o esporte de alto rendimento e atletas profissionais são submetidos a inúmeras situações de alta pressão, em que têm que tomar importantes decisões.

Para CASTRO e ROSE (2000, p.18), é comum a afirmação de que a experiência esportiva transforma a personalidade do esportista. Assim, surge a hipótese de que a prática esportiva desde a infância seria um meio propício para a modelagem ou formação da personalidade.

SINGER (1977, p. 85), diz que é comum no mundo dos esportes a aceitação de que existem personalidades distintivas entre atletas de esportes diversos.

WILSON (2001, p. 2), afirma que o sucesso no tênis não depende apenas das qualidades atléticas, mas também de uma gama de fatores comportamentais. Além disso, jovens que atingem um alto nível de performance, freqüentemente dividem características comuns de personalidade. Algumas dessas características apontadas são: independência, responsabilidade, confiança, entre outras.

É comum vermos tenistas chegarem às primeiras posições no ranking mundial, ou vencerem um importante torneio e logo depois “desaparecerem”. Essa queda abrupta de rendimento muitas vezes não pode ser explicada por problemas físicos. GIROD (2001, p. 9), coloca que o efeito da auto-confiança sobre a ação dos

atletas é impressionante. A falta de auto-confiança pode transformar um jogador número um do mundo, em um jogador medíocre. Para ele, a auto-confiança é um estado particular interno que nos capacita a utilizarmos o máximo de nosso potencial.

Um estudo de DAVID e MOG citado por MESSIAS e PELOSI (199 , p. 53), analisou fatores de personalidade (extroversão, neuroticismo, busca de sensações e tendência de realização) entre grupos de atletas de elite, subelite, entusiastas recreacionais e não atletas. Os atletas de elite não apresentaram evidências de quaisquer fatores que os diferenciasssem dos outros grupos, enquanto que, os entusiastas recreacionais foram o único grupo que se destacou dos demais com altos escores para todos os fatores.

Em outro estudo WALTER (1992, p.52), analisou diferenças comportamentais entre atletas de esportes coletivos e atletas de esportes individuais, constatando apenas algumas tendências de comportamento diferenciadas entre os grupos, mas muito pequenas para concluir que há uma diferença significativa de padrão de personalidade entre os grupos.

Assim, mesmo que os estudos sobre a psicologia do esporte não possam prever precisamente o comportamento dos atletas em uma competição, é de fundamental importância compreender um pouco o comportamento humano para que um treinador possa se relacionar melhor e compreender melhor os seus atletas.

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra foi composta por 20 tenistas amadores que participam de competições esporádicas, e que têm no tênis, uma atividade secundária com objetivo de lazer. E 12 tenistas que competem nas categorias infanto-juvenis até 14 anos, até 16 anos e até 18 anos, e que participam de um programa sistematizado de treinamento com o objetivo de atingir uma alta performance.

3.2 INSTRUMENTO

Para avaliar as tendências psicológicas no esporte, foi utilizado o teste S.E.R.P. (The Sports Emotional-Reaction Profile).

O questionário deste teste possui 42 perguntas de múltipla escolha (5 alternativas), devendo a pessoa escolher apenas a que identifica mais o seu comportamento numa competição. Cada resposta corresponde a uma pontuação.

Os quarenta e dois itens do questionário testam sete aspectos psicológicos relacionados ao comportamento atlético. Esses aspectos são: desejo, determinação, sensibilidade, controle emocional, confiança, valorização pessoal e auto-disciplina. (TUTKO; TOSI, 1976, p. 50)

3.3 PROCEDIMENTOS

Para a aplicação do questionário foram seguidos os seguintes passos:

3.3.1 Para com os tenistas infanto-juvenis

O contato foi feito com seus respectivos treinadores para agendar um horário

para a aplicação dos questionários. No dia marcado, os tenistas foram orientados sobre como deveriam responder o questionário.

3.3.2 Para com os tenistas recreativos

O contato foi feito diretamente com os tenistas, seguido pela orientação sobre como responder o questionário.

3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram analisados empregando 7 análises de variância (One Way Anova) a um nível de probabilidade de $\alpha = 0,05$. Como a variável desejo demonstrou significância, foi empregada uma análise de comparações múltiplas (Post Hoc) Tukey, com 95% de probabilidade; especificamente para esse item.

4. RESULTADO / DISCUSSÃO

TABELA 1 – RESULTADOS DAS ANÁLISES DE VARIÂNCIA DO S.E.R.P. COM NÍVEIS DA VARIÁVEL INDEPENDENTE COMPETIÇÃO RECREATIVA X COMPETIÇÃO ALTO RENDIMENTO.

VARIÁVEL INDEPENDENTE	VARIÁVEL DEPENDENTE	N	G. L.	F	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
G1 X G2	Desejo	32	1	19,201	0,0001
G1 X G2	Determinação	32	1	0,159	0,6975
G1 X G2	Sensibilidade	32	1	0,181	0,6778
G1 X G2	Controle Emocional	32	1	0,525	0,4819
G1 X G2	Confiança	32	1	0,038	0,8479
G1 X G2	Auto-Disciplina	32	1	2,735	0,1086
G1 X G2	Valorização Pessoal	32	1	0,327	0,578

NOTA: G. L. = Graus de Liberdade;

F = Valor F observado;

N = Número de Sujeitos.

A análise de variância desenvolvida para verificar a relação causa e efeito entre as variáveis desejo com competição de tênis de característica recreativa e competição de tênis de característica de alta performance, observou significância $F(32,1) = 19,201$; $P = 0,0001$. Este resultado encontrado representa que o desejo de participação e envolvimento em competição dos sujeitos testados que participam do alto nível é significativamente maior do que o dos sujeitos participantes de recreação. Isto representa que o stress envolvido na competição de alto rendimento não impede a vontade e motivação de participação destes atletas, muito pelo contrário, o nível de cobrança e exigência de performance é um fator de extrema motivação para os atletas.

As demais análises não demonstram significância entre os grupos G1 X G2 com as variáveis dependentes (desejo, determinação, sensibilidade, controle emocional, confiança, auto-disciplina, valorização pessoal) ao nível preditivo de $P < 0,05$. Estes

resultados demonstram que independentemente da condição da competição ser a nível recreativo ou de alto rendimento, os sujeitos testados neste estudo apresentaram comportamentos iguais. Isto significa que a percepção destes sujeitos perante uma competição não depende da importância externa da situação mas sim, da importância individual (interna) de cada um, contradizendo a teoria da existência da estratificação comumente aceita pela comunidade, preconizando esporte lazer, esporte rendimento, esporte escolar, etc... Os resultados comprovaram que o comportamento e a influência do stress experimentado pelo indivíduo depende de sua percepção da situação e não da situação em si.

5. CONCLUSÕES

De acordo com a literatura concluímos que a personalidade está diretamente relacionada ao comportamento, e difere de pessoa para pessoa, dando uma identidade própria para cada indivíduo. Nos esportes é de fundamental importância que saibamos como os aspectos da personalidade influem no comportamento e conseqüente rendimento do atleta, e se grupos distintos de atletas possuem características diferentes.

Os resultados dos testes realizados aferiram que os tenistas que participam de um programa de treinamento sistematizado com o objetivo de atingir uma alta performance possuem níveis mais elevados no aspecto desejo, do que os tenistas que competem por recreação. Para TUTKO e TOSI (1976, p.60), desejo é a luta pela excelência, a medida da vontade do atleta de ser o melhor ou fazer o seu melhor. Pessoas com um grau elevado de desejo tendem a ser perfeccionistas, sempre procurando um nível de performance superior. Assim, os resultados vão de encontro com a afirmação de GALLWEY (1996, p.164) de que quanto maior a dificuldade do obstáculo a ser superado, maior é a motivação para a pessoa que deseja superá-lo, pois terá que usar toda sua habilidade, coragem e concentração. E assim o atleta aumentará seu potencial.

Quanto aos outros aspectos testados (determinação, sensibilidade, controle emocional, confiança, valorização pessoal e auto-disciplina), os resultados não apontaram diferenças significativas entre os grupos de tenistas que participaram da pesquisa. Isso demonstra que o comportamento de um indivíduo frente a uma competição independe do seu nível de performance, causando sensações semelhantes em atletas de alta performance e em atletas recreacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, G. W. **Personalidade**. São Paulo: Editora Herder, 1969.
- BANDURA, A. **Modificação do Comportamento**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1979.
- BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad**. 10.ed. Madrid: Alianza Universidad, 1990.
- CASTRO, M. H.; ROSE, D. Personalidade do Atleta. **Revista Paranaense de Educação Física**. Curitiba, v. 1, n. 2, P.15-30, nov. 2000.
- CATTELL, R. B. **Análise Científica da Personalidade**. São Paulo: IBRASA, 1975.
- ERIKSON, E. H. **Identidade Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- EYSENCK, H. J. **A Desigualdade do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREUD, S. **O Ego e o Id e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.
- GALLWEY, W. T. **O Jogo Interior de Tênis**. São Paulo: Textonovo, 1996.
- GIROD, A. Self-Confidence. **Coaching & Sport Science Review**, n. 25, p. 9-10, dez. 2001.
- HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MESSIAS, A. M.; PELOSI, A. C. A Relação Entre a Personalidade e a Prática Esportiva. **Psicologia do Esporte**. Londrina: Ápice Editora, 1997.
- SINGER, R. N. **Psicologia dos Esportes**. 2. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.
- SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

SMITH, H. C. **Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

TUTKO, T.; TOSI, U. **Sports Psyching: Playing Your Best Game All of the Time**. Los Angeles: J. P. Tarcher, 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. **Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos**. Curitiba:Ed. da UFPR, 2001. Vol. 2, 6, 7, 8, 9 e 10.

WALTER, M. R. **Diagnóstico do Perfil de Personalidade de Atletas de Esportes Individuais e Coletivos**. Curitiba, 1992. 56 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

WEINBERG, R. S.; Gould, D. **Foundations of Sport and Exercise Psychology**. 2. ed. Human Kinetics, 1999.

WILSON, D. Key Behavioral Characteristics of Successful Juniors. **Coaching & Sport Science Review**, n. 25, p. 2-3, dez. 2001.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DO TESTE S.E.R.P.

ABAIXO ENCONTRAM-SE AFIRMAÇÕES QUE VISAM VERIFICAR COMO VOCÊ SE SENTE DURANTE UMA COMPETIÇÃO DESPORTIVA. PROCURE RESPONDE-LAS DA MANEIRA MAIS SINCERA POSSÍVEL. NÃO PERCA TEMPO PARA RESPONDER AS QUESTÕES POIS A SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO É QUE VALE. AS INFORMAÇÕES AQUI COLETADAS NÃO SERÃO DIVULGADAS.

NUNCA = 1

RARAMENTE = 2

REGULARMENTE = 3

FREQUENTEMENTE = 4

SEMPRE = 5

- | | |
|---|-----------|
| 1. Considero que só vale a pena jogar quando jogo bem. | 1 2 3 4 5 |
| 2. Detesto jogar contra adversários agressivos. | 1 2 3 4 5 |
| 3. Pequenos aborrecimentos podem me tirar do jogo. | 1 2 3 4 5 |
| 4. Consigo ficar calmo durante o jogo. | 1 2 3 4 5 |
| 5. Confio na minha habilidade. | 1 2 3 4 5 |
| 6. Reconheço quando jogo mal. | 1 2 3 4 5 |
| 7. Procuro seguir a estratégia pré-estabelecida. | 1 2 3 4 5 |
| 8. Jogo prioritariamente para me divertir. | 1 2 3 4 5 |
| 9. Sempre falo quando tenho alguma coisa para dizer durante o jogo. | 1 2 3 4 5 |
| 10. Consigo controlar meu nervosismo durante o jogo. | 1 2 3 4 5 |

11. Cometo mais erros nos momentos em que sou pressionado. 1 2 3 4 5
12. Duvido da minha habilidade. 1 2 3 4 5
13. Evito pensar nos meus erros. 1 2 3 4 5
14. Procuro jogar espontaneamente ao invés de ficar fazendo planos para o jogo. 1 2 3 4 5
15. Quero ser o melhor jogador do campeonato. 1 2 3 4 5
16. Divirto-me com os erros que cometo ao invés de ficar bravo com eles. 1 2 3 4 5
17. Preocupo-me com o que os outros pensam da minha atuação. 1 2 3 4 5
18. Controlo minhas emoções durante os momentos críticos do jogo. 1 2 3 4 5
19. Antes de o jogo começar, espero sair vencedor. 1 2 3 4 5
20. Meus erros fazem com que me sinta mal durante dias. 1 2 3 4 5
21. Obedeço a uma rotina quando jogo ou treino. 1 2 3 4 5
22. Prefiro jogar contra pessoas que não fazem da competição uma guerra. 1 2 3 4 5
23. Quando estou jogando gosto de ter controle sobre as situações. 1 2 3 4 5
24. Nada interfere no meu equilíbrio durante o jogo. 1 2 3 4 5
25. Meu nervosismo influencia minha atuação. 1 2 3 4 5
26. Eu penso que perderei o jogo mesmo antes de começar. 1 2 3 4 5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 27. Não supero com facilidade meus erros durante o jogo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. Procuo tentar diferentes alternativas para melhorar minha atuação. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. Não tenho vontade de competir a menos que haja um desafio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. Tento não prestar atenção quando meus adversários me provocam. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. Minha atuação pode ser arruinada por um comentário negativo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. Eu gosto de pressão da competição, porque me dou bem nesses momentos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 33. Gosto do desafio encontrado nos adversários mais difíceis. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 34. As minhas falhas me incomodam. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 35. Eu tento encontrar maneiras de ser mais eficiente em meu jogo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 36. Consigo apreciar o jogo, mesmo cometendo vários erros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 37. Sou determinado durante o jogo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 38. Tento bloquear de minha mente tudo que possa interferir com minha atuação. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 39. As situações complicadas me incomodam, mesmo antes delas ocorrerem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 40. Preocupo-me em não ser humilhado pelos meus adversários. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 41. Evito pensar em meus erros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 42. Não me preocupo com a estratégia do jogo antes que ele comece. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |